

**A LUTA DE ESPERIDIÃO CALISTO CONTRA O RACISMO NO
JORNAL O EXEMPLO ENTRE 1892 E 1905**

*THE FIGHT OF ESPERIDIÃO CALISTO AGAINST RACISM IN THE NEWSPAPER O
EXEMPLO FROM 1892 TO 1905*

Ângelo Jorge Neckel
Graduando/Universidade Luterana do Brasil – Campus Canoas/RS
angeloneckel@gmail.com

RESUMO

O início do século XX foi um dos períodos com mais denúncias no jornal de imprensa negra O Exemplo contra o racismo. O autor da maioria delas foi o jornalista negro Esperidião Calisto, fundador em 1892, redator do veículo entre 1902 e 1905 e colaborador em outros anos. O artigo investiga a atuação profissional de Calisto contra práticas de discriminação racial seguindo indicações de matérias escritas por ele no O Exemplo entre 1893 e 1902. Para tanto, indicam-se observações do redator sobre a sociedade da Capital, formulando conjecturas a partir de elementos jornalísticos nos textos. A pesquisa possui método indiciário (GUINZBURG, 1989), com enquadramento da Nova História Cultural (BARROS, 2003). Utilizou-se os conceitos de arquivo e de memória funcional cultural (ASSMANN, 2011) para a análise. Conclui-se que Calisto utilizou preceitos éticos e adotou técnicas jornalísticas popularizadas na década de 1950 para sustentar denúncias contra o racismo, como o lead e o discurso de verdade através da apuração e precisão nos relatos. Esses elementos respondiam ao descrédito da opinião pública sofrido pelo O Exemplo. Ainda, escrevia as próprias recordações para advertir os leitores contra o racismo de Instituições e atores sociais.

Palavras-chave: História da Mídia. Imprensa negra. Jornalismo. Memória.

ABSTRACT

The beginning of the twentieth century was one of the periods of more accusations in the black press newspaper O Exemplo against racism. The author of most of these accusations was the black journalist Esperidião Calisto, founder in 1892, writer of the vehicle between 1902 and 1905 and collaborator in other years. This article researches the professional work of Calisto against practices of racial prejudice thru articles written by him in the newspaper O Exemplo, from 1893 to 1902. Therefore, are used the redactor's notes about Porto Alegre society, elaborating the journalist elements contained on the text. In the study are used the evidential method (GUINZBURG, 1989), with framings of the New Cultural History (BARROS, 2003) and the file concepts and functional cultural memory (ASSMANN, 2011). The research concluded that Esperidião Calisto used ethical precepts and journalist technics popularized around the decade of 1950 to back complaints against racism, as lead and truth seeking thru the ascertainment and refinement of the reports. These elements responded to the discredit of the public that O Exemplo used to suffer. Besides that, Calisto wrote his own memories to warn readers against racism institutions and social actors.

Keywords: History of the Media. Black Press. Journalism. Memory.

1 Introdução

Em 1892, membros da comunidade negra de Porto Alegre criaram o jornal *O Exemplo*, voltado ao combate da discriminação ético-racial e ao incentivo da promoção social de seu público-alvo. Primeiro jornal brasileiro a enfatizar essa temática, visava dar voz aos

negros em função de os outros veículos de imprensa estadual possuírem viés estritamente político, em apoio à República, ou à Monarquia (SODRÉ, 1999).

O Exemplo circulou em diferentes períodos: de 1892 a 1897; de 1902, 1904 e 1905; de 1908 a 1911; e de 1916 a 1930 (MORAES, 2002). Na primeira fase, constava no cabeçalho do jornal o subtítulo “propriedade de uma associação”. Segundo Müller (2013), tratava-se da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Criada no século XVIII, a confraria proporcionava aos associados oportunidades de acesso à instrução formal e maior prestígio social em comparação àqueles que não eram sócios. Todos os fundadores do jornal integravam a Irmandade ou tinham parentesco com associados (MÜLLER, 2013).

Na segunda fase da publicação, de 1902 a 1905, mantiveram-se características editoriais semelhantes às do final do século anterior. Segundo Müller (2013, p. 175), *O Exemplo* poderia “ser qualificado como um jornal literário. Ali transcreviam-se poemas e folhetins, quer fossem obras de autores locais, quer de estrangeiros”. Essas características serviam como estratégia para atrair leitores com interesses diversos. Por outro lado, o período também foi prolífero na quantidade de denúncias factuais contra o preconceito sofrido por negros. O autor da maioria delas foi o jornalista Esperidião Calisto¹, fundador e redator do jornal no período, secretário de redação na década anterior e colaborador em outras ocasiões.

Em um jornal com características literárias, Calisto também escrevia reportagens, textos condizentes às práticas jornalísticas de veículos da grande imprensa no início do século XX, quando notícias e o discurso de neutralidade se tornaram importantes na transição do Jornalismo ideológico para a o empresarial (SODRÉ, 1999). Mais velho do que os colegas da Redação, para escrita dos textos Calisto acrescentava às fontes jornalísticas recordações do racismo sofrido por ele e amigos, constituindo-se em guardião da memória de um grupo em detrimento da visão do *outro*, por vezes baseadas em preconceitos e estereótipos.

Diante do exposto, este artigo investiga a atuação profissional de Esperidião Calisto contra práticas de discriminação racial seguindo indicações de matérias escritas pelo articulista. Para tanto, serão apontadas as observações do redator sobre instituições da sociedade porto-alegrense na transição entre os séculos XIX e XX, formulando conjecturas a partir de elementos jornalísticos presentes nos textos.

A pesquisa tem nível exploratório e método documental (GIL, 1987), utilizando-se método indiciário (GUINZBURG, 1989), que consiste na seleção e organização de dados para

¹ Esperidião Calisto era irmão de Florêncio Calisto, também fundador do *O Exemplo*, e filho de Calixto Felizardo de Araújo, que fora tesoureiro da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Os irmãos Calisto não eram sócios da Irmandade (Müller, 2013).

estabelecimento de inferências, com enquadramento da Nova História Cultural, que se interessa por sujeitos produtores, difusores e receptores de símbolos e representações oriundos da cultura popular (BARROS, 2003). Utilizou-se os conceitos de arquivo e de memória funcional cultural (ASSMANN, 2011) para a análise. A amostragem consiste em dois textos com características de reportagem escritos por Esperidião Calisto quando foi redator do *O Exemplo*, de 1902 a 1905. Os títulos são: *Campanha Difamatória* (1902 ed. 03; 04); *Batida Nogenta* (1902, ed. 05). Além destes, artigos de Calisto e de outros redatores serviram de suporte para o presente estudo.

Esperidião Calisto não assinou o texto *Batida Nogenta*. Atribui-se a autoria destes textos a ele devido à observação de padrões na escrita do redator em comparação aos textos de dois redatores que trabalharam com Calisto no *O Exemplo*: Tácito Pires e Alcebiades dos Santos. Dentre os elementos peculiares à escrita de Calisto estão a recorrência do discurso de verdade, ironias expressas por palavras grifadas em itálico, objetividade, provérbios, referências à primeira pessoa do plural, determinados substantivos e verbos *discendi*, além de escrita dialética, com exposição de fatos antes de emitir juízos de valor nos textos publicados.

O artigo se divide em duas seções. A primeira possui características mais conjecturais em comparação à segunda. Foram reconstituídos os posicionamentos sociais de Esperidião Calisto a partir de memórias dele transcritas para *O Exemplo* e de registros oficiais sobre ele publicadas no jornal *A Federação*, órgão Republicano de função semelhante à do Diário Oficial. Comparou-se as informações obtidas com o contexto da época relativo à política, educação, religião, retomado a partir de indícios extraídos de frases de Calisto.

Já na segunda seção, são abordadas as recordações de Esperidião Calisto contra o racismo, relacionadas às práticas jornalísticas presentes nas matérias do redator. A estrutura e as críticas expressas nos textos foram tensionadas com o estágio da profissão na primeira metade do século XX. Também é verificado como se dá a argumentação, a relação com o leitor através dos textos e a ortografia do articulista.

2 Posicionamento social de um barbeiro jornalista

O jornalista negro Esperidião Calisto nasceu em Porto Alegre, no dia 13 de dezembro de 1864 (EXP, 1893, ed. 45). Aos 28 anos de idade, em 1892, fundou junto a outros jovens membros letrados da comunidade negra da capital do estado o jornal *O Exemplo*, localizado na Rua dos Andradas, nº 247. O escritório da redação situava-se em um quarto nos fundos do *Salão Calisto*, barbearia na qual Esperidião trabalhava com o irmão Florêncio. O redator

desempenhou os ofícios de barbeiro e jornalista na juventude, tornando-se funcionário público da Junta Comercial de Porto Alegre depois de trabalhar nas duas ocupações referidas².

A profissão de barbeiro era uma das principais atividades de escravizados de ganho nas grandes metrópoles do País na primeira metade do século XIX (MOURA, 1994). Em vista de o *Salão Calisto* ser gerido pela família, do pai de Esperidião também ser barbeiro e da recorrência das profissões hereditárias à época, antepassados do redator podem ter exercido essa função. Por outro lado, na virada do século, conforme Zubaran (2008, p.185), “A profissão de barbeiro ocupava posição de destaque entre os ‘homens de cor’. No século XIX, em Porto Alegre, Calisto destacava-se como barbeiro e jornalista [...] (2004)”. Nesse sentido, ocorriam reuniões entre os fundadores do *O Exemplo* e outros integrantes da comunidade negra no *Salão* antes mesmo da criação do jornal (EXP, 1928, ed. 01).

Esperidião Calisto residia na Rua Vigário José Inácio (MÜLLER, 2013) e trabalhava na Rua dos Andradas, também no centro da cidade. Em 1893, ele contou que “Em a noite de 27 do p. p. chegava-me para casa, só, pacificamente, às onze e meia horas, quando a patrulha que estava postada á esquina da travessa Paysandú e rua dos Andradas... (EXP, 1893, ed. 13)”. A rua “era a sua principal via de circulação de pessoas e mercadorias e espaço social reconhecido pelas manifestações políticas, reuniões cotidianas nas redações dos grandes jornais e encontros amistosos nas livrarias, confeitarias e cafés” (SANTOS, p. 11, 2013). A localização privilegiada da residência e do trabalho, além do ofício de barbeiro, reiteram a influência de Calisto dentre os negros da capital, condição potencializada por ser alfabetizado.

Calisto teve acesso à educação formal, embora tenha sido vítima de preconceito na escola. Ele narra que frequentara aulas primárias na região do 1º Distrito da Capital, nas quais o professor Raphael Antonio de Oliveira “separava-nos para um quarto escuro contíguo á sala, onde estavam os brancos; e lá recebíamos a instrução correspondente á obumbrada luz diurna que exiguamente nos iluminava” (EXP, 1893, n. 32). Esta experiência refletiu na atuação de Calisto a favor da criação de escolas construídas por negros e com modelos opostos aos vigentes na sociedade do período a fim de combater o racismo. Em 1902, ele e outros articulistas do *O Exemplo* criaram a escola primária do jornal, admitindo a matrícula de crianças de todas as cores e crenças religiosas. O programa da instituição de ensino era laico (EXP, 1902, ed. 02), da mesma forma que as escolas públicas do estado no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, conforme preconizava o Partido Republicano (RANQUETAT, 2007).

² Informações extraídas de textos publicados no *O Exemplo* em 09.04.1922 e 02.01.1928.

O articulista era a favor da liberdade de culto religioso e considerava-se um “[...] dos que entendem que para fazer o bem que se possa, não é preciso ouvir-se missa jejum etc” (EXP, 1893, ed. 46). O posicionamento dele contrário ao preconceito em nome do Catolicismo relacionava a doutrina a questões políticas vigentes na transição entre os séculos XIX e XX: “A escravidão - um preconceito inhumano preconizado na religião catholica - era nojentamente estatuída na Constituição do então Império do Brasil” (EXP, 1893, ed. 22). O trecho aponta para o Catolicismo ser a religião oficial do País durante a Monarquia, quando persistia a escravidão. Os ritos católicos também serviam como forma de controlar os negros através de uma pedagogia baseada em ameaças e em castigos físicos em detrimento dos cultos e outros elementos da cultura africanista (ROCHA, 1993).

Em parte justificada pela escravidão instituída, a oposição de Esperidião Calisto e dos demais redatores do *O Exemplo* à Monarquia indica uma motivação para a maioria deles apoiar o Partido e o Regime Republicano, promulgado um ano após a assinatura da Lei Áurea. A preferência política em determinado momento teria se relacionado com a trajetória de Calisto no Jornalismo. Segundo a historiadora Ana Flávia Pinto (2010), o articulista teria trabalhado no jornal *A Federação*, órgão de imprensa do Partido Republicado, mantido por Julio de Castilhos. Entretanto, o único texto assinado por Calisto ao longo da veiculação do jornal, de 1880 a 1939, foi em parceria com a esposa, em agradecimento à equipe médica do Hospital São Francisco pelos cuidados dispensados à filha³.

O fato de Calisto não possuir textos jornalísticos assinados no *A Federação* indica possibilidades como a falta de prestígio em comparação aos autores de editoriais ou o descompasso entre o estilo e teor contestatório dos textos dele e o programa editorial do jornal. Em compensação, no *O Exemplo* assinou artigos antes e depois de ser redator, tendo seu posicionamento em afinidade com a linha de atuação do veículo que ajudou a criar.

Ter atuado no *A Federação* e ser republicano não impediu *O Exemplo* e Esperidião Calisto de denunciar posturas do jornal e do partido. Em 1902 (EXP, ed. 03), no texto intitulado “*Como somos Tratados*”, *O Exemplo* critica matéria do *A Federação* por chamar de “creollinho” e “rapazinho” um jovem negro chamado Juvenal. Em outro texto, Calisto responsabilizava, ainda, os governantes da época por subjugarem os negros:

[...] nosso programma, que tem por fim dissipar as trevas da ignorância em que vive <a victima dos governos e dos políticos, mostrando-lhe seus direitos, pela exploração dos dominadores despertando-lhe a energia, a

³ A busca pelo nome de Esperidião Calisto nas páginas do *A Federação* se deu pelo acervo digital da Biblioteca Nacional, disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=>.

vontade de agir para obter a justiça que constantemente lhe é empalmada (EXP, 1902, ed. 03-04)

As críticas se dirigiam ao Partido Republicano devido ao mesmo governar Porto Alegre e a província do Rio Grande do Sul sem interrupções do final século XIX até o início da década de 1930. No período, o voto era livre e público e à oposição não era permitido registrar número suficiente de eleitores para controlar municípios e estado (ABREU, 2001).

A postura contrária à matéria do *A Federação* se estendia a outros veículos que manifestavam posicionamento racista. Não raro referências pejorativas a negros ocorriam em notas sobre casos policiais publicadas nos impressos concorrentes. Calisto se opunha a tais condutas e acrescentava que os jornais endossavam a violência da polícia, a conivência da mesma diante de delitos praticados por brancos e a severidade para com os negros: “Si fossem partidas de individuos do nosso meio eram elles retirados de lá para o posto aos trambulhões e a *rufô* de facção, mas eram *bons moços*, sofreram apenas uma leve reprehenção das autoridades e a imprensa não desliga-lhes os nomes” (EXP, 1902, ed. 03).

Esperidião Calisto viveu no período da escravidão, da transição para a República, sofreu abordagens policiais e presenciou o racismo contra outros negros. A instrução adquirida, formal, dos impressos lidos por ele e pelo convívio com familiares e outros membros da comunidade negra propiciaram as condições necessárias para construir uma visão conjuntural de Porto Alegre e da sociedade da época através da análise de estruturas como a Igreja, a Escola e o Estado, sendo transcrita nas páginas do *O Exemplo*. Calisto escrevia ao leitor que “devemos as armas da intelligencia contra o preconceito que justifica a nossa presença uniforme nos arraiaes do jornalismo, o qual é o cancro da nossa autonomia mora, o preconceito de raça oficialmente instituido, tendo por base a côr.” (EXP, 1893, ed. 13).

Os ensinamentos de Calisto para os leitores correspondem a suportes materiais da memória cultural, integrando-se com as memórias individuais. Ao mesmo tempo, tratam-se de “meios materiais de armazenamento, que são empregados como suportes para a memória, são indispensáveis para que o arquivo funcione como armazenagem de conhecimento coletivo, e o meio mais usado é a escrita” (ASSMANN, p.26). A combinação entre as experiências de vida e as informações consumidas pelo articulista influenciaram o modo de produção dos textos jornalísticos, utilizados como meios de propagação de ideias de combate às discriminações.

3 Memórias de Calisto registradas no O Exemplo

Foram selecionados para análise dois textos de Esperidião Calisto de quando foi redator do *O Exemplo*, de 1902 a 1905. Os títulos são: *Campanha Difamatória* (1902 ed. 03; 04); e *Batida Nogenta* (1902, ed. 05). Calisto assinou apenas o primeiro texto⁴. Desde 1893, o redator publicou o próprio nome apenas em ocasiões especiais ou fatos atípicos: em vista do recrutamento forçado de negros para lutarem a Revolução Federalista; (1893, ed. 13); na edição comemorativa pelo dia 13 de maio (1893, ed. 22); para criticar artigo divergente do programa editorial do *O Exemplo* (1893, ed. 32); para denunciar campanha contra o jornal (1902 ed. 03; 04); e para homenagear a memória do político negro Monteiro Lopes (1911, ed. 242). Nesta e em outras matérias referidas, Calisto constitui-se em agente da memória funcional cultural, à medida que está vinculada a um portador, estabelece uma ponte entre passado, presente e futuro, e procede de modo seletivo (ASSMANN, 2011).

Os textos intitulados *Campanha Difamatória* e *Batida Nogenta* são matérias factuais. Os títulos sintetizam o conteúdo dos textos. Estes iniciam contextualizando ao leitor os fatos a serem apresentados em seguida. Em *Campanha Difamatória*, Calisto apresenta todos os argumentos e motivos para sustentá-los em prol do *O Exemplo*, presentes na discussão com um leitor que tentara devolver a assinatura do jornal. Em seguida, resume a narrativa em um parágrafo introdutório, da mesma maneira como procede no texto da matéria *Batida Nogenta*:

1) Corroborando os disse me disse que nos tem chegado aos ouvidos, no dia 8 do corrente entrou portas a dentro em nossa officina onde fazemos por ganhar o pão de cada dia, o sr. João Miguel Uflacker, moço de profissão pintor, que sem mais preambulos, foi dizendo assim ao que vinha: (EXP, ed. 03)

2) Um acto de violencia inqualificavel foi o que a policia administrativa praticou na noute de 5 do corrente, pelas 11 horas da noute, invadindo criminosamente o predio numero 94 da rua Fernando Machado, onde alguns moradores entregavam-se a officios de seu culto, e conduzindo, não só a estes como aos demais moradores e visitante, até o posto policial (EXP, ed. 05)

Em ambos os casos, Esperidião Calisto utilizou a técnica do *lead*, isto é, o parágrafo introdutório que responde as questões centrais da narrativa: *Quem? Quê? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?* executou determinada ação. Mesmo desmembradas ao longo dos textos, as questões respondidas pelo *lead* são observadas em outros artigos do redator, como

⁴ Consultar critérios para atribuição de autoria na pág. 03.

em *Por um Vexame*⁵. O *lead* foi popularizado no Brasil a partir da década de 1950, influenciado por jornais estadunidenses para facilitar a inserção das notícias no espaço físico disponível nos jornais (MESSAGI e ABDALLA, 2014), mas a imprensa brasileira do início do século já utilizava o *lead* em notícias curtas. O emprego da técnica se dava em função do envio de informações por agências de notícias via telégrafo. Para as informações não serem perdidas nesse processo, escrevia-se o resumo da notícia no primeiro parágrafo do texto. Porém, raramente o *lead* estava presente em textos mais extensos, a exemplo de reportagens.

Os detalhes na contextualização dos textos resultavam da preocupação de Calisto em disseminar informações verídicas, evidenciada nos seguintes trechos de matérias: “Não inventamos phantasmas para contarmos histórias” e “Não lhe agradou o jornalzinho, não traz troça, não é assim?” (EXP, 1902 ed. 03); “Narremos o facto em todas as suas minudencias” (1902, ed. 05). Possível motivação para o discurso de verdade seria a precaução contra críticas de opositores ao jornal, conforme a primeira edição do *O Exemplo* (EXP, 1892, ed. 01) e do relato de Calisto sobre um detrator anônimo: “a elles, portanto compete a obrigação de agradecer ao homem pardo o serviço que lhes tem prestado, dando descanso á brecha, com que ganha o pão, para concitar os crédulos a abandonar <O Exemplo> por sermos, no dizer delle, *uns especuladores*” (EXP, 1902, ed. 03).

O redator possuía por hábito escrever apenas o que testemunhava. Ele esteve presente no momento dos acontecimentos relatados nas matérias factuais, mas também ilustrava artigos com fontes jornalísticas e episódios da própria vida:

1) Tive a felicidade, porém, de um dos brigadas não estar disposto a dar um passeio até a cadêa, e portanto, interceder e meu favor, dizendo ao companheiro: - Deixa, deixa este

2) Não é raro ver-se nas repartições publicas, na mesa de rendar por exemplo, um homem de côr ser o primeiro a chegar para pagas as decimas e ser o ultimo despachado, quando não o mandam voltar em outro dia, tendo que tragar esta preterição humilhante muito calado, muito resignado para evitar de ser verbalmente, grosseiramente insultado ou ir dali para a policia. O que ahi fica tem-se dado commigo (EXP, 1893, ed. 13)

Esperidião Calisto não dispunha de tempo ou dinheiro para frequentar locais *chics* e rodas de conversa da alta sociedade da capital (SANTOS, 2010), ou ainda evitava esses locais para não ser mal recebido por ser negro. Apesar disso, circulava pela região do 2º Distrito de Porto Alegre, reconhecido pelas frequentes ocorrências policiais (PESAVENTO, 2000) e celeiro de ocorrências preconceituosas. O *Salão Calisto* também era lugar privilegiado para o

⁵ Consultar pág. 07.

recebimento de informações de clientes e amigos para a edição dos textos. Contudo, as histórias ou boatos que circulavam na barbearia tendiam a ser somente pontos de partida para investigações mais acuradas, pois Esperidião Calisto, em *Campanha Difamatórias*, escreveu: “Corroborando os disse me disse que nos tem chegado aos ouvidos” [...] (1902, ed. 03).

Para maior precisão factual, Esperidião Calisto ouvia o que as personagens das matérias diziam e também as entrevistava, transcrevendo as respostas obtidas. Quando possível, Esperidião Calisto registrava as palavras de todas as partes interessadas na questão abordada na matéria. No texto *Campanha Difamatória*, Esperidião Calisto também inquiriu o interlocutor para descobrir quem criticava publicamente o jornal. Em *Batida Nogenta*, tanto os africanos quanto o inspetor e o superintendente de polícia foram entrevistados:

1) Não ficamos satisfeitos com a respostas e quando íamos a inquirir um dos presos, o Sr.Procopio gritou: Toca para a frente e aquelle que se approximar do quadrado vae também! E logo depois, para um infeliz que leva o caixão que servia de atabaque: Toca isso semvergonha!

2) Ouvidos pelo superintendente Louzada foram postos em liberdade duas horas depois. O que prova isso que a auctoridade não encontrou crime no acto pelo qual o zeloso inspetor procedeu com tanto excesso, com tanta ignorancia da lei, ou com tanta confiança na protecção do chefe e nas noticias de encommenda da imprensa que falla pelas partes policiaes

As tentativas de entrevista demonstram que Esperidião Calisto não se contentava com a primeira versão obtida ou com versões de fontes oficiais, ao contrário do que denunciava com relação às práticas dos jornais concorrentes. A prática corresponde ao processo de apuração jornalística, no qual o repórter busca, seleciona e compara fontes a fim de publicar informações verossímeis. Além disso, criticava os detratores do jornal e os órgãos de imprensa pelo sensacionalismo: “Estamos na brecha; critique-nos embora esses que vivem da exploração das miserias humanas, proseguiremos desassombrados em nossa fai_a” (EXP, 1902, ed. 03). A alusão seria em vista de deboches contra negros em matérias policiais.

Justificando as críticas aos grandes jornais, Esperidião Calisto publicava trechos de matérias que tratavam as fontes, com diferentes níveis de explicitação, conforme a etnia-racial e classe social: “[...] fazendo da cor do morto o uniforme de suas qualidades, procuram, embora capciosamente, atenuar a culpa do assassino dizendo ser elle *filho de boa família!*”, e, “<O negro Souza mettido Num grande *forrobodó* Foi acabar o fandango La dentro do xilindro!>”. Os fragmentos de notícias selecionados por Esperidião Calisto têm como provável autoria o *Correio do Povo*, como indicam as respostas relacionadas ao nome do concorrente dadas ao assinante pelo articulista: “Não se illuda com os nomes suggestivos, e

democráticos que alguns jornais de nossa capital ostentam em seus cabeços” e “<O Exemplo> apareceu sinceramente propondo-se ser jornal do povo, um jornal que não procedera como muitos outros” (1902, ed. 03). Além disso, matérias discriminatórias atribuídas ao *Correio do Povo* costumavam ser publicadas no *O Exemplo* em textos assinados por pseudônimos.

A postura de Esperidião Calisto sobre o tratamento das personagens das matérias em jornais concorrentes não se restringia à de *ombudsmann*. Ao mesmo tempo, ele fazia o oposto do criticado ao identificar as fontes pelas profissões exercidas, pronomes de tratamento e faixa etária, quando possível informando o nome completo ou aquele pelo qual eram conhecidas e onde residiam, desde que os detalhes fossem importantes para a contextualização e melhor compreensão dos fatos relatados: “Esta casa foi locada por d. Maria Brochado que, por sua vez, aluga commodos a outras pessoas, accupando-se as mulheres que moram ahi, em coser saccos e tirar fios” e “Entre as pessoas presas contavam-se sete creanças, cuja maior tinha 10 annos e a menor apenas mezes, um sr. edoso Elesbão de tal e duas senhoras [...]”. Os trechos referidos foram escritos abaixo dos intertítulos *O prédio n. 94* e *Os presos*, extraídos de *Batida Nogenta*.

Tanto o professor de Esperidião Calisto, quanto Dona Maria, o superintendente Louzada e o inspetor Procópio tinham as profissões e nomes citados nas matérias. As personagens retratadas nos textos somente não eram identificadas em duas situações: quando amigos forneciam informações e ao se reportar a políticos. No primeiro caso, os trechos são de textos não assinados de quando Calisto era redator:

1) Estamos informados que alguns bailes em casa de familias dos nossos, no 2º. districto policial, foram perturbados pela presença de agentes municipaes que da porta exigiam ou a certidão de casamento do dono da casa ou a licença do subintendente

2) Um nosso particular amigo o amigo politico do partido dominante, commentando a noticia da batida nogenta que nos referimos, disse-nos: --- Vocês não conseguem nada com isso. o que podem arranjar é um banho de facão dado ou mandado dar pelo proprio Procopio (1902, ed. 07)⁶

As referências de Esperidião Calisto a políticos costumavam ser genéricas, como ao mencionar o programa editorial do *O Exemplo*. Entretanto, em 1893 Esperidião Calisto mencionou Gaspar Martins, líder do Partido Federalista, opositor aos Republicanos (ed. 22). A primeira situação corresponde à proteção da fonte por meio do anonimato, enquanto a

⁶ Os trechos citados foram extraídos de uma mesma edição do *O Exemplo* e pertencem aos textos *Pelos nossos e Verdades Cruas* respectivamente.

última pode indicar tentativa de proteção do próprio jornal e do redator para evitar represálias advindas do Partido Republicano, do qual eram simpatizantes⁷. Essa omissão corresponde à seletividade, que, segundo Assmann (2011), consiste em recordar algumas coisas e esquecer-se outras, sendo este um dos possíveis aspectos da memória funcional cultural.

A respeito da relação dos textos de Esperidião Calisto com os assinantes do *O Exemplo*, o autor também referia-se aos leitores na primeira pessoa do plural, como forma de persuasão, para dar-lhes satisfações ou alertando-os para a necessidade de luta contra a discriminação racial: Nos misturando com vosco, por sermos iguaes; bem aquilatando ás vossas qualidade pela forma porque viveis, julgar-vos-emos com justiça” e “Por termol-a deixado de publicar [uma carta de um amigo] hoje, em vista de nos faltar espaço pedimos desculpas ao nosso amigo e aos nosos favoredores” (EXP, 1902, ed. 05).

A menção aos leitores também é a tônica de *Por um Vexame* (1893): “Devemos protestar contra a falta de justiça na applicação da lei; e da equidade na distribuição do ensino publico por sermos contribuintes; contra a falta de garantia á nossa liberdade pessoal por sermos cidadãos”. Ao encontro disso, o texto *Campanha Difamatória* apresentava uma série de argumentos de Calisto transcritos após debate com um assinante, *Sr. Uflacker*, transportando para dentro do texto possíveis questionamentos de outros leitores. Tal discurso direcionado à comunidade negra vai ao encontro de outra característica da memória funcional, a referência ao grupo para preservação da memória coletiva (ASSMANN, 2011).

Esperidião Calisto primeiro apresentava o resumo das matérias, narrava fatos e a partir destes construía inferências lógicas. O caso do diálogo com o *Sr. Uflacker*, demonstra que o articulista primeiro o ouviu para em seguida rebater os argumentos do interlocutor. Na oratória voltada ao combate da discriminação racial, predominavam nas frases argumentos baseados em situações vivenciadas por Calisto e acontecimentos recentes à data de publicação dos textos, presenciados por ele, abordados no *O Exemplo* ou lidos nos jornais da Capital:

1) Não é d’agora; já pelas columnas da Federação, no tempo da monarchia, diz sentir que conforme a alvura da pelle, assim é considerado o indivíduo pelas autoridades e seus agentes (1893 ed. 13)

2) [...] vendo um de nossa cor, de quem conhecemos as boas qualidades, ser deshumanamente espancado, por agentes da guarda administrativa, como temoos presenciado, e no outro dia, ver glorificada a façanha dos agentes pela imprensa, que baptisa a victima por *negro desordeiro!* (1902 ed. 03; 04)

⁷ Em 1995, ano em que deixou a redação do *O Exemplo*, Esperidião Calisto passou a integrar Grêmios Republicanos da Capital.

Conforme Esperidião Calisto, no texto em memória ao *O Dr. M.M. Monteiro Lopes*, o adjetivo *negro* era “um epitheto grosseiramente abstracto, que fere á susceptibilidades, porque era um synonymo de escravo, no tempo degradante do captiveiro, em que que vogava em todas as camadas sociaes, o brocado escravagista” (EXP, 1911, ed. 242). No mesmo artigo, Calisto atribuía a autoria da discriminação a saudosistas do tempo da escravização: “após ter jugulado, em uma luta titanica, o rancor escravagista dos conselheiros da monarchia”. Desse modo, o autor rememorava episódios que testemunhara no século XIX, mas também a partir de 1902 e relativos a práticas que se repetem na contemporaneidade⁸.

As palavras de protesto de Esperidião Calisto se opunham à memória oficial, legitimada a partir da visão de políticos, antigos senhores de escravizados, órgãos de imprensa e outros atores sociais. Assmann (2011) considera que essa contramemória funcional se apresenta como guia para tomada de ações do grupo:

O motivo de uma contrarrecordação cujos portadores sejam os vencidos e oprimidos é a deslegitimação de relações de poder consideradas opressivas. Essa deslegitimação é tão política quanto a recordação oficial, já que nos dois casos se trata de legitimação e poder. A recordação que se seleciona e conserva nesse caso presta-se a dar fundamentação não ao presente, mas ao futuro, ou seja, ao presente que deve suceder à derrubada das relações de poder ora vigentes (2011, p. 150)

Em contrapartida, poder comprar um jornal com mais páginas e informações acrescentando algumas moedas era a principal justificativa para o *Sr. Uflacker* cancelar a assinatura do *O Exemplo*. Esperidião Calisto respondeu que “os burros não se compram pelas orelhas como diz o rifão, também o jornal não se assigna pelo tamanho e barateza, e sim pelo valor da causa pela qual se proponha viver ê pelo interesse que nos possa resultar de sua existência, sob o ponto de vista de nossas aspirações de nossos ideaes” (1902, ed. 03). Observa-se na fala do articulista a defesa do programa editorial do *O Exemplo* e a valorização do veículo para além das características físicas do meio pelo qual circulava.

As publicações concorrentes e os respectivos leitores possuíam como alvos erros de escrita nas páginas do *O Exemplo*. De acordo com Esperidião Calisto: “não precisamos saber grammatica, para falar a verdade e entendel-a; assim como a dor é compreendida também embora a linguagem do rustico” (1902, ed. 03). A metáfora dizia respeito a ele próprio e aos demais jornalistas e colaboradores do jornal, devido a equívocos ortográficos e de digitação

⁸ Indicações mais detalhadas sobre o lugar social ocupado pelo negro na mídia brasileira podem ser consultadas no livro *Claros e Escuros – Identidade, povo e Mídia no Brasil* (SODRÉ, 1999).

tais como⁹: “preconizado”, “resalva” (EXP, 1893, ed. 22); “atrazou”, “exesso” (1902, ed. 05); “meros”, “engambe´ada” (1902 ed. 03); “policito”, “uzurpadoras” (EXP, 1911, ed. 242). Além disso, o termo “rustico” equivaleria a “tosco, campestre” (FIGUEIREDO, 1925, p. 1137), sendo que no programa editorial da primeira fase do *O Exemplo* constava como objetivo o “aperfeiçoamento de nossos mediocres conhecimentos” (1892, ed. 01).

Nesse sentido, Moura (1994) afirma que os literatos brancos consideravam as contribuições da imprensa negra como subculturas por não acompanharem a semântica do pensamento dominante. Para o autor, a desarticulação da linguagem tradicional deveria ser estudada não gramaticalmente, “mas como elemento de uma linguagem ajustada a toda uma “vivência social, história e étnica do negro” (p. 187).

Os erros gramaticais de Esperidião Calisto mostram-se equânimes nas diferentes fases nas quais escreveu no *O Exemplo*. Contudo, o único texto dele sem erro de digitação foi publicado em 1911 (ed. 242). Na data, Calisto já havia se tornado funcionário público, desempenhando provavelmente uma única profissão, ao contrário de quando disse ao Sr. *Uflacker*: “não vivemos do <O Exemplo> embora vivamos para ele” (1902 ed. 04).

Ao que indica, Calisto ainda exercia simultaneamente os ofícios de redator e barbeiro, atividades que ocupavam-no tempo a ser dedicado na escrita dos textos, dificuldade semelhante às enfrentadas pelos companheiros de redação e em certa medida comum no Jornalismo do período. Esta atividade, para além de instrumento para a ascensão pessoal, possibilitou a ele uma forma de combate ao racismo, dispondo do *O Exemplo* como meio de propagação de ideias através de preceitos do texto de reportagem e do *ethos* da profissão.

4 Considerações finais

Nas matérias escritas por Esperidião Calisto em combate à discriminação racial foram utilizados preceitos éticos e técnicas modernas do Jornalismo para sustentar as denúncias. A objetividade narrativa através do *lead*, o discurso de verdade, a apuração jornalística e o respeito pelos citados nos textos eram respostas ao descrédito da opinião pública sofrido pelo *O Exemplo*, funcionários do jornal e pela própria comunidade negra. Ao mesmo tempo, a postura crítica de Esperidião Calisto com relação aos preconceitos veiculados em publicações

⁹ As palavras dos textos pesquisados foram comparadas com a ortografia da época através de consulta ao dicionário *Neues volkständiges Taschenwörterbuch der Portugiesischen und Deutschen Sprache= Novo dicionário portátil das linguas portugueza e allemã* (BOSCHE, 1897). No Brasil, a primeira reforma na língua portuguesa se deu em 1911.

concorrentes e ausência dos elementos jornalísticos referidos cumpria o propósito de defesa de seus pares e de legitimação da estrutura e teor de seus textos.

Os artigos e reportagens possuíam ironias contra autores de atos de racismo. Tal recurso de linguagem surgia nas matérias sobretudo após a contextualização e exposição dos fatos abordados. Constavam nos textos as recordações do redator acerca do preconceito sofrido por ele e outros negros no passado e à época das publicações. Todos esses elementos constituíam a retórica para convencer os leitores não apenas quanto à credibilidade do jornal, para compra-lo e manterem as assinaturas, mas principalmente para tomarem consciência da capacidade dos negros e conhecerem o racismo institucional da sociedade do período.

Dois aspectos das experiências de Esperidião Calisto contribuíram para a maturidade na escrita dele na segunda fase do jornal. O articulista atuava no *O Exemplo* desde 1893, antes das matérias factuais do veículo a partir de 1902. Desse modo, presenciou o início do processo de transição do Jornalismo ideológico para o empresarial no Brasil e aplicou algumas das novas características em reportagens ao atingir uma década na profissão. Por outro lado, também acompanhou a mudança da Monarquia para a República, a escravização de negros, a abolição e posterior descaso social para com os libertos. Sendo assim, tanto a experiência de vida quanto os aprendizados da profissão influenciaram a produção do redator.

Esperidião Calisto testemunhou discriminações raciais também por estar totalmente inserido na comunidade negra. Circulava nas ruas e estabelecimentos do 1º e 2º distrito de Porto Alegre, zonas urbanas habitadas por ex-escravizados e locais de frequentes ocorrências policiais e discriminações raciais. Ainda tinha acesso a informações da cidade enquanto trabalhava na barbearia frequentada por familiares e amigos. Nisso, um dos motivos da influência de Calisto era a ligação com a Irmandade Nossa do Rosário - embora fosse filho de um dos integrantes e não um associado -, razão pela qual teve oportunidade de estudar formalmente e de criar o *O Exemplo* para que os negros tivessem voz ao serem representados por um veículo de imprensa próprio, iniciativa até então inédita no País.

Referências

ABREU, A. A.; LAMARÃO, S. T. N. (Org.); LATTMAN-WELTMAN, F. (Org.); BELOCH, I. (Org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. v. 5.

A FEDERAÇÃO. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=>. Acesso em: Abr. 2016. Acesso em: 14.03.2016

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

- BARROS, José D'Assunção. **História Cultural**: um panorama teórico e historiográfico. Textos de História, Brasília, v. 11, n.1/2, p. 145-171, 2003
- BOSCHE, Eduardo Theodoro. **Neues volkständiges Taschenwörterbuch der Portugiesischen und Deutschen Sprache** = Novo dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã / composto por Eduardo Theodoro Bösche. 6. ed. Leipzig : R. Kittler, 1897. 780 p. CULTURA DIGITAL. Disponível em: <http://afrodigital.gi.fic.ufg.br/collection/o-exemplo/> Acesso em: 02.03.2016.
- FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 9. ed. Lisboa : Bertrand, 1925. 2 v. MULLER, L. S.. As contas do meu rosário são balas de artilharia. 1. ed. Porto Alegre: Pragmatha, 2013. v. 1. 234p.
- GUINZBURG, Carlo. **Sinais**: raízes de um paradigma indiciário. Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RS. Hemeroteca. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br>. Acesso em: 02.03.2016
- MESSAGI JÚNIOR, M.; ABDALLA, S. J.. **Historia em camadas**: a influência do novo jornalismo carioca na imprensa paranaense dos anos 1960. Comunicação: Reflexões, Experiências, Ensino, v. 7, p. 67-80, 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/historia-em-camadas-a-influencia-do-novo-jornalismo-carioca-na-imprensa-paranaense-dos-anos-1960>. Acesso em: 29.04.2016.
- MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Editora Anita, 1994
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: companhia Editora Nacional, 2001.
- RANQUETAT, Carlos Alberto. **A implantação do novo modelo de ensino religioso nas escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul**: Laicidade e pluralismo religioso. 2007. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais-PUCRS). Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=603 Acesso em: 05.04.2016.
- ROCHA, Manuel Ribeiro. **Étiópe Resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado**: discurso teológico-jurídico sobre a libertação dos escravos no Brasil de 1758. Petrópolis: Vozes, 1993. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20RIO-GRANDENSE%20%28PRR%29.pdf> Acesso em: 18.04.2016.
- SANTOS, José Antônio dos. **1876-1928 Itinerários de um jornalista e burocrata negro**. In: XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2013, Natal - RN. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.
- _____. **Intelectuais negros e imprensa no Rio Grande do Sul**: uma contribuição ao pensamento social brasileiro.. In: Gilberto Ferreira da Silva; José Antônio dos Santos; Luiz Carlos da Cunha Carneiro. (Org.). RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento.. 1ed. Porto Alegre - RS: EdiPUCRS, 2008, v. , p. 83-99.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 1999.